

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 16 – 02.07.2015

Assunto principal: A função afetiva e a formação da defesa autista, por uma fixação na segunda fase da vida (0-2 anos), ilustrada pelo filme “Precisamos falar sobre Kevin”.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana: o Arquétipo Matriarcal, cap. 9.

Boa noite a todos.

Hoje estudaremos o caso de uma criança cujo quatérnio primário inclui um complexo materno com uma extraordinária fixação e defesa autistas. Essas defesas da mãe deram lugar a reações de ódio da criança e formaram uma personalidade psicopática assassina.

O **autismo estrutural neurológico**, descrito inicialmente por Leo Kanner em 1943, é hoje uma síndrome bem caracterizada. Paralelamente ao **autismo neurológico**, descrevi a **defesa autista**, também denominada esquizoide, que expressa um bloqueio emocional entre o Ego e o Outro, e que, como todas as demais defesas, é devida a uma fixação, que, neste caso, atinge a função estruturante afetiva.

A defesa autista é muitas vezes conceituada acompanhando a depressão pós-parto. No puerpério, o símbolo do bebê, com sua vulnerabilidade, sua carência e sua necessidade de contenção e cuidado, que Winnicott denominou “*holding and caring*”, pode ativar com grande intensidade um bloqueio afetivo já existente na mãe, provavelmente formado precocemente no seu próprio quatérnio primário, e que ela atuará com o bebê. A defesa autista da mãe pode ser incentivada a ponto dela atacar o bebê, formando a síndrome da criança espancada (*battered child syndrome*). Nessas circunstâncias, há mães que passam da defesa autista neurótica para a defesa psicopática, *borderline* e, até mesmo psicótica, quando praticam o filicídio.

Eva teve muita resistência para engravidar. Sabemos que ela e Franklin haviam participado de festas rave com muita diversão e drogas. Um dia descobrem que Eva estava grávida.

Durante o puerpério, Eva atuou uma defesa autista muito intensa com seu bebê. Ela simplesmente não conseguiu abraçá-lo, ainda que o bebê berrasse a mais não poder. A primeira atuação psicopática do filme surge quando Eva para o carrinho com Kevin berrando ao lado de uma britadeira, que está abrindo um buraco no asfalto, no meio da rua. Eva parece aliviada quando o barulho da britadeira abafa por alguns momentos o berreiro de Kevin. A cena em que ela suspende Kevin para baixo e para cima, enquanto ele berra e ela não consegue abraçá-lo, também é emblemática da sua defesa autista, que aí se apresenta com enorme desenvoltura. Logo em seguida, Franklin acorda e aconchega Kevin, que recebe muito bem o agrado, mostrando claramente que ele, pelo menos até aí, não tem a defesa autista estruturada.

A seguir, tem início várias cenas nas quais Eva quer brincar com Kevin, que agora já tem mais de dois anos. Aparentemente Kevin tem simplesmente uma dificuldade de corresponder as iniciativas da mãe, como se fosse uma criança retardada, portadora, até mesmo, de um certo grau de autismo neurológico. Eva leva Kevin a um especialista que afasta qualquer patologia congênita. No entanto, para quem tem a capacidade de empatizar as emoções de Kevin, desde que ele gritava e não era acolhido como bebê, vai ficando cada vez mais claro que Kevin está expressando de forma crescente uma reação aversiva à mãe, proveniente de muita agressividade, oriunda de uma enorme frustração afetiva que vai se transformando num ódio profundo. Fica claro também que aparentemente esse ódio à mãe é reativo à defesa autista dela dentro do quatérnio primário.

Desta maneira, pelo fato da função estruturante da agressividade de Kevin ser defensiva e se expressar voluntariamente, ou seja, conscientemente, podemos afirmar que se trata de uma defesa agressiva psicopática. Devido a essa defesa abranger a totalidade das reações de Kevin à mãe, devemos entender que a defesa é gravíssima, deformará intensamente a personalidade dele, e se transformará numa personalidade psicopática.

Da mesma forma que muitos têm dificuldade de reconhecer a sexualidade infantil, outros tantos não reconhecem a relação do desenvolvimento da agressividade com a frustração na infância. Freud, por exemplo, situou a agressividade do menino como parricida dentro do perverso polimorfo e do Complexo de Édipo e Melanie Klein descreveu

a agressividade do bebê se iniciando contra o seio materno em função da inveja conjugada com o instinto de morte.

A Psicologia Simbólica Junguiana considera a agressividade uma função estruturante normal que estrutura o Ego para expressar seu protesto e repúdio a uma frustração, geralmente acompanhada de sofrimento e dor. Nesse caso, **podemos considerar a frustração como a mãe da agressividade**. Por conseguinte, a agressividade expressa o **não** e o **ódio** desde o início da vida e a afetividade expressa o **sim** e o **afeto**.

A função estruturante da agressividade em si não é má nem destrutiva, mas, pelo contrário, é muito necessária e útil para o desenvolvimento. A agressividade normal é inseparável da contestação e da transgressão, indispensáveis à criatividade do desenvolvimento. Nesses casos, a agressividade diz não ao *status quo* e à estagnação.

No entanto, quando fixada e tornada defensiva, a agressividade é uma das funções mais destrutivas da Sombra na prática do Mal. Para identifica-la e diferenciá-la da agressividade normal é indispensável examinar o contexto no qual ela está sendo atuada, sua fixação, compulsão de repetição, inadequação e resistência.

A defesa autista de Eva, que não sabemos como se formou por desconhecemos sua história, continua intensa na dimensão neurótica e ela, nos primeiros anos, não percebe o quanto Kevin a está agredindo e torturando. Somente por volta dos cinco anos é que Eva se dá conta que Kevin se diverte ao rechaçar e ridicularizar todos os seus gestos de dedicação.

É impressionante a agressividade e a crescente deformação do caráter de Kevin, que ataca a mãe e finge amar o pai. Nesse sentido, essa sensibilidade limitada do pai que complementa a defesa autista da mãe, contrasta com a profunda sensibilidade e inteligência de Kevin, cada vez mais dedicadas ao serviço do ódio.

Numa das situações em que Eva percebe que Kevin a está torturando, ela se descontrola e atua sua agressividade reprimida subjacente à sua defesa autista, jogando Kevin no chão. Ele fratura o braço e Eva o leva ao hospital. Maquiavelicamente, Kevin não denuncia sua mãe à médica que engessa o seu braço. Ao voltar para casa, sua mãe se desculpa, mas ele inventa uma história para o pai na frente da mãe, na qual ele mente e a acoberta. Ela não o corrige e assim, ele a faz atuar psicopaticamente, por omissão.

Um fato muito importante na fixação de muitos casos de defesa psicopática é a fixação do Arquétipo Patriarcal sobre uma fixação do Arquétipo Matriarcal, como no caso de Kevin. O ódio oriundo da fixação matriarcal neurótica, devida ao abandono vivido com a defesa autista de Eva, se transforma na defesa psicopática homicida, quando Kevin,

com sua extraordinária inteligência, passa a empregar o planejamento patriarcal para, maquiavelicamente, se vingar de Eva.

Logo depois, ocorre o evento que se mostrará central na tragédia do Self familiar. Kevin teve uma indisposição e está acamado. Sua mãe está lendo para ele a história heroica de Robin Hood. Ela descreve como o herói desenvolve a arte do arqueiro, através da qual liderará a luta do povo oprimido contra as injustiças da monarquia. Nesse momento, significativamente, Kevin reclina sua cabeça sobre o peito da mãe. Seu pai entra no quarto e Kevin pede-lhe que saia e que a mãe continue lendo. O pai e a mãe se mostram surpresos e maravilhados com a mudança radical do comportamento do filho que, pela primeira vez, prefere a mãe ao pai.

Pelo fato de sabermos o final da história, podemos imaginar que o agravamento progressivo da defesa autista e psicopática de Kevin atingiram a dimensão da **personalidade psicopática**, que é aquela na qual **a defesa passa a comandar a personalidade como um todo**. É nesse contexto que podemos pensar que, ao reclinar a cabeça sobre o peito da mãe e ao afastar o pai enquanto ela lê sobre o adestramento no arco e flecha de Robin Hood, Kevin não fez um gesto de amor e sim de grande interesse porque, naquele momento, ela lhe forneceu a ideia de como ele poderia atuar seu ódio pela humanidade. Daí em diante, ele ganha do pai um jogo de arco e flecha e começa a exercitar-se até se tornar, aos 16 anos, um exímio atirador que atuará sua Sombra, matando seu pai e sua irmã, em casa e, indo depois para a escola, onde assassinará sete colegas, uma professora e um instrutor.

Este caso extremo, que é fictício pode servir de modelo para a compreensão de casos reais. O protagonista do massacre do Realengo, no Rio de Janeiro, tem muita semelhança com este, se lembrarmos que o aluno assassino sofreu humilhações e *bullying* com grande frequência na adolescência, que incluíram até mesmo ter sua cabeça enfiada na privada e puxada a descarga.

O que chama a atenção e fará com que muitos não acreditem na possibilidade de uma personalidade psicopática se formar da maneira como eu descrevi, é a precocidade dos sintomas. Essa incredulidade se deve, a meu ver, a não avaliarmos corretamente as fixações e sintomas que começam a se formar durante a dominância insular matriarcal, já na segunda fase da vida (0 a 2 anos). O caso chama a atenção para a exuberante criatividade do Arquétipo Central no quaternário primário na segunda (0-2 anos) e terceira (02-12 anos) fases da vida. Devido à extraordinária inteligência de Kevin e à gravidade patológica de sua psicopatía homicida, o psicólogo pode tender a imaginar que casos assim são raríssimos e assim não perceber a precocidade normal e anormal da

extraordinária criatividade do Arquétipo Central, desde o início da diferenciação do Self. Desde o início, surgem indícios de que as reações de Kevin têm aqui grande papel na formação do Ego, mas também chama a atenção a incapacidade dos pais perceberem o que está acontecendo com o Self de Kevin, seja pela defesa autista da mãe, pela sensibilidade limitada do pai, pelo vínculo polianesco entre os dois ou pela ignorância deles e das pessoas sobre a criatividade do Arquétipo Central na infância, para o Bem e para o Mal.

Para terminar esta análise, falta elaborar um símbolo muito importante que é o motivo de Kevin não ter assassinado sua mãe junto com seu pai e sua irmãzinha. Vejo duas linhas de associação possíveis para exercermos a nossa intuição. A primeira é que dentro do ódio extremo da psicopatia de Kevin, a pior maldade que ele poderia fazer com sua mãe era deixá-la vivenciar para sofrer a tragédia por ele causada. A segunda é que, como alvo central do ódio de Kevin, ela carregava o símbolo da totalidade e, lá no fundo, a razão de todo aquele ódio, era carência do amor, bloqueado pela defesa autista. Não podemos esquecer que as polaridades psíquicas operam dentro de um espectro que varia da oposição com os polos representados nas suas extremidades à igualdade quando os polos se encontram no centro do espectro. Neste caso, o ódio e o amor intensamente opostos podem se encontrar e se tornar iguais.

Dentro desta segunda hipótese podemos intuir também o significado do diálogo entre a mãe e Kevin dois anos depois da tragédia. “Eu só queria compreender porque você fez o que fez. Você sabe?”, pergunta ela. Kevin responde: “Antes eu tinha certeza que sabia, agora, não tenho tanta”. Uma possibilidade para explicar essa resposta tão enigmática seria: “Eu achava que a expressão do meu ódio era a finalidade da minha vida. Depois do que fiz e de todo o mal que causei, passados dois anos, começo a não ter tanta certeza”. Eles aí se abraçam e, pela primeira vez, ela realmente atravessa a defesa autista e ele aceita seu afeto. **Foi como se ele começasse a perceber que por trás de todo aquele ódio, havia a carência de amor na personalidade dos dois.**

De um modo geral, a psicologia tradicional vem tentando há mais de um século descrever estereótipos de reações da criança no desenvolvimento da personalidade, como aconteceu, por exemplo, na redução do Quatérnio Primário ao Complexo de Édipo. Diferentemente desta tendência, **a Psicologia Simbólica Junguiana busca chamar a atenção para a necessidade de se compreender a dinâmica simbólica imprevisível e extraordinariamente criativa da interrelação das forças que compõem o quatérnio primário, para se entender como está sendo formada a identidade do Ego e do Outro e a ocorrência de fixações e defesas que estão formando sua Sombra.** Trata-

se de **uma atitude de abertura para buscar** compreender simbolicamente a psicodinâmica quaternária do que está acontecendo no misterioso desenvolvimento do Self, ao invés de se prever teoricamente **o que deve estar acontecendo** na formação da identidade da criança em cada idade.

Para a próxima aula, no segundo semestre, dia 06/08, estudaremos a Sombra do Quatérnio Primário na dimensão pedagógica, com a polarização trágica na adolescência entre o Arquétipo da Anima e o Arquétipo Patriarcal defensivo, apresentado no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*. Peço-lhes relerem o capítulo V da Psicologia Simbólica Junguiana sobre as fixações, defesas e formação da Sombra.

Boa noite a todos, boas férias e até agosto,

Byington